

GRANDE REPORTAGEM

Nº 39 Ano V 2ª Série Junho 94 Preço (IVA incluído à taxa de 5%): Continente — 650\$00, Madeira — 702\$50, Açores — 740\$00 Director: Miguel Sousa Tavares Directora Adjunta: Mónica Be



Os exércitos anglo-americanos desembarcaram no norte da França

LONDRES, 6 — A agência noticiosa alemã anuncia que começou a invasão. A mesma agência informa que forças navais germanicas atacaram barcoas de desembarque aliadas. (R.)

LONDRES ANUNCIA OS PRIMEIROS DESEMBARQUES

LONDRES, 6. — Anuncia-se oficialmente que as tropas aliadas desembarcaram na costa norte da França. — (Reuter).

O COMUNICADO OFICIAL DA INVASÃO

LONDRES, 6 — O Supremo Comando das Forças Aliadas Expedicionárias publica o seguinte comunicado n.º 1: "Sob o comando do general Eisenhower, forças navais aliadas, apoiadas por poderosas formações aéreas, começaram o desembarque no norte da França. — (U. P.).

6 DE JUNHO DE 1944

O DIA DA LIBERDADE



26 650.

RUI FERREIRA E SOUSA, texto
MIGUEL CARVALHO E SILVA, fotos

Lagoa de Óbidos

A MORTE LENTA

Era uma vez uma lagoa que quase banhava as muralhas do castelo de Óbidos. Hoje, assoreada e triste, vai resistindo até que a mãe natureza decida fechá-la para sempre. Os peixes e o marisco escasseiam. A praia da Foz do Arelho tornou-se minúscula. Resta um pouco de enguia para animar os estômagos. Os pescadores já não acreditam que alguma coisa seja feita para a salvar. Construir ou não um canal? A palavra pertence agora ao Ministério do Ambiente. Mas só será conhecida lá para depois do Verão.

MAL SABIA JOSÉ PÁSCOA QUE uma das primeiras surpresas do início do seu mandato como presidente da Junta da Foz do Arelho seria a inundação da sua própria casa. Os dejectos espalharam-se pelas salas, desceram pelo pátio até ao jardim, obrigando-o a improvisar uma ponte de madeira para não "morrer afogado". Durante dias, o seu refúgio da Foz do Arelho tornou-se num inferno. Mas para quem vive e gosta da lagoa de Óbidos, o inferno é permanente.

A lagoa, que ocupa uma área de seis quilómetros quadrados, é hoje uma espécie de embocadura onde vão parar parte dos efluentes dos concelhos das Caldas da Rainha e

de Óbidos. Basta ver o braço da Barrosa em maré baixa para nos certificarmos de que apenas a lama sobrevive. Nem mesmo os sapais das margens conseguem resistir ao peso devastador das lamas abusivamente dragadas.

O Ornóia, o Real e o Cal, vindos respectivamente do Cadaval (povoação de Alguber), da serra de Montejunto (povoações de Vilar e Pragança) e das Caldas são os três rios que desaguam na lagoa arrastando consigo dejectos domésticos e industriais, nomeadamente os de destilarias de vinho, matadouros e efluentes de agro-pecuárias das regiões de Rio Maior, Bombarral, Lourinhã e Cadaval. Grande parte destes

efluentes não é sujeita a tratamento. Cinco por cento dos efluentes das Caldas da Rainha correm através do rio Cal para a lagoa sem sofrerem qualquer tratamento. Aguardam-se as obras de ampliação da ETAR que estarão concluídas em 1995 e custarão 100 mil contos.

Na Foz, a situação é tão grave como isto: é uma terra que parou no tempo, suja, estragada, deserta, economicamente arruinada e culturalmente pobre. Quem a conheceu há ainda alguns anos atrás não entende como permitiram que se degradasse a este ponto. Apenas tem uma bandeira de que se orgulhar: a paisagem, o pôr do Sol na lagoa, que ilumina a escassez da água, e os barcos velhos encostados às margens.

Ali, as infra-estruturas andaram a passo de caracol, a praia, que no Verão é frequentada por cerca de 60 mil pessoas oriundas de uma vasta zona do interior que vai até Santarém, diminuiu quase até ao ponto zero. Não se preservou o que era de preservar e permitiu-se construir sem critério nem ordenamento. Também ali, na Foz do Arelho, a autarquia pensou que podia nascer um novo Algarve.

Autorizar construções quase junto à falésia do Facho, ainda que tenham o parecer positivo das entidades responsáveis, ou permitir que se vá destruindo a colina que circunda a lagoa, a nascente,